

A VELHA GUARDA

ORGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Redactor principal:

AGOSTINHO FERNANDES ROCHA

Administrador: FRANCISCO GONÇALVES DA CUNHA

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

Redacção e Administração: Rua Elias Garcia, 46. — Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES

AO SOLDADO DESCONHECIDO

«A Ele — que é vida, Alma da Raça,

E é Sol de Portugal — e nunca a sombra...»

(De Alfredo Barata da Rocha).

Soldado desconhecido, heroico filho de Portugal, vais ter a consagração devida ao teu heroísmo e abnegação.

A nossa Alma, a Alma de Portugal, vai levar-te á Apoteose, vai dizer bem alto o seu reconhecimento eterno pelo sangue generoso que verteste.

Que importa que as almas negras e sujas duns renegados, duns sem Patria, tente macular o esplendor da tua glorificação — a santificação da tua bravura que é a bravura de milhares de heróis, como tu caídos, de que és o Símbolo?

No teu caixão, deves ter estremeado de nojo e repulsa ao ouvir os seus lamentos fingidos que são um escárnio para ti, Herói.

Lamentam-te para te amesquinhar, para diminuir a tua gloria que é a de Portugal; lamentam-te porque — covardes — não tem a coragem precisa para te maldizer.

Mas descansa, Soldado, descansa. Dorme tranquilo na Alma de Portugal, porque esses vampiros não são essa Alma.

9 de Abril de 1918. Uma manhã nevoenta e fria, uma dessas manhãs nevoentas e frias da Flandres.

Os pobres infantes de Portugal, transidos de frio e mortos de cansaço, velavam ao parapeito.

Havia já um ano que tinham deixado a sua Patria, os seus, a sua aldeia e a sua casinha, e, durante esse longo ano, quantas privações sofridas... e a saudade... e a morte sempre suspensa sobre as suas cabeças sujas da lama e da terra que as granadas levantaram.

De França e da Africa foram trazidos, para nossa Patria, dois cadáveres tirados ao acaso dentre esses heroicos desconhecidos.

O Soldado Desconhecido é o Símbolo. Vai ser levado num cortejo triunfal até á Batalha — a apoteose duma raça. Ouvirá uma vez mais os rugidos fortes dos canhões; passará por entre alas dos seus antigos companheiros de luta. Sauda-lo-hão as bandeiras de todo o exercito, acompanha-lo-ha a benção dum país inteiro. Um cortejo para a Gloria, a Apoteose duma Raça.

Soldado Desconhecido, heroico filho de Portugal, a imortalidade te espera na Batalha.

De repente, a tempestade rebentou. O céu nevoento e frio abriu-se em jactos de fogo e uma

chuva de ferro e de balas desabou sobre os infantes de Portugal.

Voavam os parapeitos, os abrigos, as passarelas; voavam corpos agonisantes, mortos, desfeitos; a morte e a destruição corriam juntas, numa furia doida; linguas de lume, feixes de aço, a terra a abrir-se, morteiros revoltando pelo espaço e que iam estoirar em berros estupendos que faziam rebentar o sangue pelos ouvidos; numerosos cadáveres juncavam o solo em atitudes macabras nunca vistas, um inferno, um horror.

Era a batalha em todo o seu tetrico esplendor. As vagas boches lançavam-se ao assalto, umas após as outras. A artilharia portuguesa gemia ansiosamente em socorro dos soldados de Portugal.

E os infantes de Portugal combatiam com coragem, morriam com beleza, destruindo, abrindo clareiras nas vagas alemãs que avançavam sempre, enormes, como as vagas num mar revoltado.

Como deter a avalanche alemã? Não era possível, não. Mas os infantes de Portugal, sem desânimo, combatiam sempre até que, varados, iam tombando, recordando num adeus supremo, a sua Patria, os seus, a sua aldeia e a sua casinha.

Era finda a batalha. Como em Alcacer-Quibir, os infantes de Portugal foram derrotados, morreram... mas morreram devagar.

Quantos heróis caídos, heróis obscuros, mas almas de Portugal, que por Portugal morreram!

De França e da Africa foram trazidos, para nossa Patria, dois cadáveres tirados ao acaso dentre esses heroicos desconhecidos.

O Soldado Desconhecido é o Símbolo. Vai ser levado num cortejo triunfal até á Batalha — a apoteose duma raça. Ouvirá uma vez mais os rugidos fortes dos canhões; passará por entre alas dos seus antigos companheiros de luta. Sauda-lo-hão as bandeiras de todo o exercito, acompanha-lo-ha a benção dum país inteiro. Um cortejo para a Gloria, a Apoteose duma Raça.

Soldado Desconhecido, heroico filho de Portugal, a imortalidade te espera na Batalha.

A doutrina de Jesus

Há aproximadamente 1:888 anos que um revolucionario sublime, um revoltado cheo de amor pelo bem da humanidade, proclamava, sincero, e numa fé ardentissima de almejar o mais perfeito estado social, estas palavras, que são a síntese da abnegação da sua doutrina: — *Sede prudentes e simples como as pombas.*

Esse Rabbi, que, num sorriso doce e claro como um arrebol de aurora, magneticamente atrala a inocencia das crianças, a simplicidade dos fracos e o sentimentalismo das mulheres, tinha despertado, no meio viciado e corrupto que pretendia regenerar, a mais odienta das guerras, o mais diabólico dos odios, a mais ferina das invejas, o mais cruel desespero dos interpretes da lei moisaica (escribas) e dos sacerdotes e principes da igreja (fariseus), uns e outros especuladores da ignorancia e simplicidade do povo, hypocritas dominadores da credulidade da grande massa que adorava Jeová.

Eram os reaccionarios do seu tempo, contra quem ele abria clarada e terminante guerra.

No momento em que esse evangelizador sublime dizia a turba imensa que, boquiaberta, o escutava silenciosa, dispersa pelas faldas da montanha que abriga o lago de Genesare: — *Se a vossa justiça não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus.* — esses escribas e fariseus prepararam a condenação daquelle justo.

Desde a hora tremenda em que, cheio de indignação contra a hipocrisia do clero do seu tempo, exclamára: — *Não procedais conforme as acções desses doutores que proclamam o que não fazem.* — os invejosos e despeitados e os feridos nos seus interesses de exploradores do divino, tramaram perdê-lo.

Quando Jesus, em grito de acalorada revolta, fulminava com a verdade a mentira e o embuste dos espoliadores da honra e inocencia dos lares; quando fazia cair por sobre essa classe, senhores do mando, poderosos e ricos, dominadores das consciencias, tiranicos opressores da razão e da liberdade, a maldição do céu, nesse momento o odio ecclesiastico atingiu o maximo da sua ferina intensidade, o seu martirio, a sua sentença de morte ficaram para logo decididos...

Quem pregava uma doutrina de amor e de paz, de justiça e bondade, da mais encantadora doçura e da mais heroica tolerancia até ao perdão; quem ensinava a difundir a caridade, estreitando as relações entre os homens nos braços amigos da fraternidade universal, havia de encontrar nos sacerdotes e clero hypocritas, que viam desmascarados os seus vícios e torpezas com grave prejuizo dos seus interesses feridos, se vingasse a doutrina daquelle inovador sublimemente inspirado, o crucifigé, o grito do odio borbulhando sangue da canalha amot nada por eles, ao sabor duma vingança horrivel e tremenda.

E suplicaram no...

E apresentaram no estendido num madeiro, aos olhares escarnecido-

NÃO CHORES!...

Tu choras, meu amor, porque não vejo

O teu olhar tão lindo e delicado

E a cor rosada do teu rosto amado

Que, com prazer, infindas vezes beijo...

Tu choras!... e esse pranto insatisfeito,

— Purissimo queixume de tristeza! —

Vem refrescar esta fornalha acesa

Que sinto arder no interior do peito!...

Punge-te o seio amargo sofrimento;

Que cesse a tua dor, esse tormento,

Oh! vamos, meu amor, não chores mais!

A minha fantasia sonhadora,

Pintou-me, numa tela encantadora,

O teu perfil de formas divinais!...

DOMINGÓS RAMOS.

res da onda enfiada por eles, cujos representantes, vinte seculos depois, ao comemorarem o passamento desse martir, o apresentam como vitima dos pecados dos homens, e fingem chorar o justo que a intriga e a sugestão de levitas conduziu ao patibulo.

Como está, ó Cristo, deturpada a tua religião!

Como, volvidos tantos seculos depois do teu ensinamento, os homens se odeiam ainda, se intrigam e revestem de todas as armas para se ferirem uns aos outros!

A ignorancia que os sacerdotes do teu tempo exploravam em favor da satisfação da sua cobicia e das suas paixões mais ruins, essa ignorancia que tu quizeste dissipar com a esplendorosa madrugada da tua rutilante intelligencia, jaz ainda como pesada noite a atroliar os espiritos, de que se apossam, como aves de rapina, os que se dizem (suprema irrisão!) fervorosos apóstolos da tua ideia.

A escravatura que tu tentaste quebrar com as tuas palavras de amor e de perdão, roxeia ainda os pulsos de milhões de homens que se abeiram a sombra da tua cruz.

E que a igualdade que tu sonhavas, essa fecundante semente de felicidade entre os homens, não a deixaram nascer os poderosos, os senhores que tu azorragaste, escaupizando-lhes os vícios, e que se bandearam, para mutuo auxilio do seu i justificado e condenavel predomínio, com os que se dizem teus continuadores.

Aos pobres como tu, ó Cristo, escolheste para pregarem e irem levar pelo mundo fora a simplicidade da tua religião.

E recomendavas lhes que não levassem ouro, nem prata, nem sapatos, nem alforjes, nem bordão...

Pois pouco tempo durou a simplicidade e a pureza desses teus mensageiros; e vemos hoje os teus representantes na terra ofuscarem, com o seu luxo e com as suas riquezas, o mundo que os vê passar com os seus sequitos de verdadei-

ros imperadores, soberbos e altivos como Cesares, com scintilações nas intras e nas tiras, com baculos de ouro ornados das mais preciosas pedras, erguendo a dextra para, numa coruscção, ofuscar a ingenuidade e a ignorancia de tantos de teus irmãos que, de joelhos, como diante dum idolo, esperam a beução que dos seus labios desce sobre suas cabeças em teu proprio nome.

O Cristo! os teus representantes falsearam-te a doutrina, e envergonharam-se da tua humildade.

O mundo, que pretendeste redimir com o teu extraordinario sacrificio, está repleto de egoismo e de orgulho, de vaidade e de soberba, de tirania e de despotismos.

E os opressores fazem servir á sua ociosidade, ao seu opulento luxo e á propria torpeza de seus vícios, a triste, a enorme legião dos oprimidos, dos fracos e dos pequenos, por quem tu sentiste sempre a mais santa das aficções.

E foi talvez por isso, foi por tu seres um fervoroso revoltado em proveito dos humildes, que os soberbos de então te escarneceram e crucificaram, e os de hoje tripudiam sobre a tua doutrina.

A tua obra, a tua grandiosa e imortedeira obra, ha-de, como tu, ter a sua verdadeira ressurreição.

Despontará um dia, quando se fizer vingar a tua sã doutrina, o sol da liberdade e da justiça, que igualará os homens perante a consciencia social, ligando os num amplexo de pura fraternidade, para daí em diante marcharem, serenos na larga estrada do progresso civilizador, na conquista desse eterno bem — a paz universal!

JAIME CIRNE.

(De «A Tribuna»).

SEITA TENEBROSA
15 EPISÓDIOS — 31 PARTES
POLICIAL

PASMOSO!

Ali, a S. Damaso, ao fundo da rua, frente ao jardim publico, em lugar bem visivel e movimentado, patenteia-se á estupefacção do transeunte que sabe vér e avaliar, uma obra como a desfaçatez de quem a consentiu á face duma população inteira. Ela revela favoritismo inadmissivel com desprêso pelas vulgarissimas praxes exigidas no respectivo codigo, ou ignorancia crassa pela mais rudimentar estética.

Pois quê? Exige-se uma licença, com planta e tudo, para se mexer uma pedra mesmo adentro duma propriedade de qualquer lugarejo escuso e permite-se ali, em pleno seio da cidade, um vandalismo daqueles?

Os caros leitores repararam bem naquilo? A um exigiu-se um acrescento no predio, num alinhamento aliás bem entendido e no mesmo rasoavel estilo; a outro, ao vizinho, permitiu-se a reparação, a tabique, dos mesquinhos andares superiores dum velho par-dizoiro (em piores condições que outros demolidos por ameaçarem ruína), com as janelas desastrosamente fóra da simetria com as portas, como que a espreitarem para o jardim, de cabeça para fóra da vieja de que faz parte. E como se isto ainda fôsse pouco, caracterizou-se o frontispicio a côres berrantes para fazer sobressair a sua hediondez; e ficou, como estava, a ocupar tão escandalosamente o espaço fora do alinhamento ha muito projectado, que parte das suas mal disfarçadas tra-zeiras tipam, um metro á frente, a ultima janela de cantaria do predio acrescentado!

Infeliz Guimarães! Que sina a tua! Que pouca sorte tens tido em materia de construções e melhoramentos, que tão poucos teem sido!

Mas esta do casinhoto ao fundo da rua de S. Damaso define bem, na sua singeleza, a vesga orientação do nosso municipio, que antepõe os amanhos politikeiros á boa norma que devia presidir aos seus actos.

Muito bem!

Determinado governador civil mandou, ha dias, apreender certo genero de primeira necessidade que uma Camara Municipal do seu distrito estava vendendo com lucros.

E a boa doutrina; e pena foi que esta justa medida se não tivesse applicado á nossa Camara a quando dos lucros do açucar que ela vendeu e que orçaram, segundo ela, por uns cinco mil escudos que o beneficiado publico teve de pagar como a qualquer pre-za-dissimo açambarcador.

Tem graça!

A Camara Municipal chamou, ha dias, a atenção da policia para a observancia do codigo de posturas na parte que diz respeito á limpeza da cidade; ela que tem descurado duma forma condenavel a limpeza das ruas e largos da mesma!

O que se fazia noutros tempos

Transcrevemos, com vista a certa gente para quem a Republica nada tem de bom, o seguinte e interessantissimo Decreto de amnistia (legislação de 1827):

«Sendo o Meu maior desvelo, e constante desejo restabelecer o socego, e tranquillidade interna destes Reinos, perturbada por alguns bandos de rebeldes, que reunidos, e armados em patz estrangeiro, os invadirão, e que, por mercê de Deus, e valor do brioso, e fiel Exercito, se acham desbaratados, e expulsos para fora dos limites Portuguezes: E considerando, por huma parte, que por ser a rebellião o maior de todos os crimes seria não só injusto, mas escandaloso, que os primeiros, e principaes authors della deixassem de soffrer a pena correspondente a tão horroroso delicto; e não permitindo, por outra parte, o bem do Estado, os principios da Humanidade, e a Real Clemencia, que a mesma pena se estenda a grande multidão de homens incautos, a quem a maldade dos primeiros seduzio, corrompeo, e arrastou ao crime: Usando do Alto Poder, que pelo artigo setenta e quatro, paragrafo oitavo da Carta Constitucional, Me compete; Hei por bem, em Nome d'ElRei, ouvido o conselho d'Estado, conceder Amnistia, e Perdão geral, a todos os subditos Portuguezes culpados por opiniões politicas, ou factos sediciosos cometidos desde o dia vinte e hum de Junho do anno proximo passado até á publicação deste Decreto.

São porém exceptrados desta Graça, e Indulto, para serem julgados conforme a Lei:

Primeiro: Todos os Officiaes Generaes de mar e terra, que promovêrão, ou de qualquer modo tomárão parte na rebellião contra a sua Patria, e Legitimo Governo.

Segundo: Todos os Officiaes Militares, ou Civis do Exercito, e Armada, de qualquer arma ou gradação, de primeira ou segunda linha, e de Ordenanças, que tendo, ou assumindo a qualidade de Comandantes de quaesquer Corpós militares, desertárão com elles para os rebeldes.

Terceiro: Todos os que forão Chefes, ou Comandantes das partidas de paizanos rebeldes, designadas pelo nome de Guerrilhas, ou as levantassem no interior, ou com ellas entrassem hostilmente nestes Reinos.

Quarto: Todos os que forão membros da Junta rebelde, denominada do Supremo Governo do Reino.

Quinto: Os Magistrados, e todos os Ecclesiasticos Seculares, ou Regulares, que espontaneamente passarão para os rebeldes, e os acompanhárão na perfida invasão destes Reinos.

E conformando me com a disposição, e espirito do paragrafo terceiro dos Decretos de cinco de Agosto, e vinte e cinco de Setembro de mil oitocentos e seis, Sou Servida Ordenar, que os Officiaes, e Officiaes inferiores, de primeira, segunda, e terceira linha, a quem a presente Amnistia a baja de aproveitar, fiquem demittidos de seus postos, e reduzidos ao estado

de paizanos. Porém os Cabos, Ansepeçadas, e Soldados, serão incorporados no Exercito como convier.

Hei ontro sim por bem Determinar que todos os individuos a quem tocar o presente Indulto, que se acharem privados, ou suspensos de emprego, officio, ou beneficio; e bem assim os que possuão bens da Coroa, e das Ordens, ou estes se achem já, ou não sequestrados em consequencia do mencionado crime, não sejam reintegrados, nem tenham a posse delles sem nova Graça. E Sou finalmente Servida declarar, que pelas disposições do presente Decreto se não entende que ficão prejudicados os direitos individuaes, que possuão competir para a indemnisação de prejuizos recebidos. Luiz Manoel de Moura Cabral, do Conselho de Sua Magestade, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, o tenha assim entendido, e o faça executar, expedindo para o dito effeito todas as ordens, que necessarias forem. Palacio da Ajuda em treze de Abril de mil oitocentos vinte e sete.

Com a Rubrica da Senhora **INFANTA REGENTE.** — (a) Luiz Manoel de Moura Cabral. Na Imprensa Regia.

CARTEIRA

Acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e irmão esteve entre nós, na ultima sexta-feira, o nosso amigo sr. dr. Augusto Barbosa Lopes, dignissimo membro da Comissão Executiva da Junta Geral deste distrito.

Os nossos affectuosos cumprimentos.

Está gravemente enfermo o nosso querido e bom amigo sr. Alvaro da Costa Rocha, habit guarda-livros da Companhia dos Banhos de Vizela e da União Commercial de Guimarães.

Desejamos-lhe, do coração, as suas rapidas melhoras.

Noticiario

Bombeiros Voluntarios de Guimarães

Por falta de espaço não nos podemos referir, na devida oportunidade, á comemoração do aniversario desta benemerita corporação que passou no dia 19 de março, tendo neste dia assistido o corpo activo a uma missa em suffragio das almas de todos os socios falecidos, celebrada no templo de S. Francisco pelo nosso pressado amigo Padre Alfredo Correia.

De regresso ao seu quartel, foi, perante todo o corpo em formatura, inaugurado um belo retrato a oleo do digno presidente da direcção e socio benemerito ex.^{mo} sr. Padre Abilio Augusto de Passos que já de longa data muito se tem esforçado pelo bom nome e prosperidade dos Bombeiros Voluntarios.

O ex.^{mo} sr. José de Pina, muito digno 2.^o comandante, em breves mas sentidas palavras, salienta a constante dedicação do homenageado em prol da corporação, após o que convidou o ex.^{mo} sr. Simão da Costa Guimarães, illustre 1.^o comandante, a descerrar o retrato, que estava velado pela bandeira o que fez, visivelmente comovido, no meio de uma vibrante e calorosa salva de palmas.

Em seguida, por proposta do patrão da 2.^a esquadra ex.^{mo} sr. Avelino da Silva Guimarães, foi eleito por aclamação comandante honorario e perpetuo dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães, o ex.^{mo} sr. Simão da Costa Guimarães, que agradeceu,

sensibilizado, esta prova de reconhecimento do corpo activo pelos seus constantes e desinteressados serviços a esta tão util e simpatica corporação.

O retrato a oleo do sr. Padre Abilio de Passos foi muito admirado e é mais uma afirmação do talento artistico do illustre pintor vimaranense, nosso querido amigo e dedicado corre-ligionario ex.^{mo} sr. Abel Cardoso, pelo que vivamente o felicitamos.

Casamentos

Realizou-se no dia 28 de Março findo o enlace matrimonial da sr.^a D. Carolina Cardoso Pinto Rodrigues, filha do nosso amigo Manuel José Rodrigues e da sr.^a D. Maria Pedro Rodrigues, com o sr. Antonio Correia Guimarães, filho do nosso amigo José Correia Guimarães e sobrinho dos nossos amigos Antonio Correia e Padre Alfredo Lopes Correia.

A noiva, uma menina muito prendada e com uma esmeradissima educação, era o enlevo de seus pais. O noivo, rapaz trabalhador, com bastantes meios de fortuna.

As cerimoniaes civil e religiosa realisaram-se no Pevidem, revestindo um caracter muito intimo, assistindo apenas os amigos intimos e familia.

Nas corbeilles viam-se numerosas prendas, algumas de fino gosto e valor artistico e real.

A seguir á cerimonia religiosa dirigiram-se os noivos para a formosa estancia da Penha com os convidados, em 5 automoveis, onde foi servido um primoroso e delicado almoço que constou de canja de galinha, cozido á portuguesa, arroz de salchicha, filetes de peixe, lingoa de vaca «au gratin», peru assado, frutas, doces de ovos, pão de ló, pudings, etc., vinhos verdes e maduros, champagne, vinhos do Porto, licôres, café e chá.

Os noivos sentaram-se ao centro da meza, sendo os outros lugares occupados indistinctamente pelos convidados, ficando as senhoras a um lado e ao outro os cavalheiros.

Aos brindes levantou-se o capitão sr. Barreira que numa breve oração felicitou os noivos, desejando-lhes mil felicidades e venturas.

Findo o almoço espalharam-se os convivas pela formosa estancia, a apreciar a amenidade do dia. Pelas 18 horas deu-se o sinal de retirada e os cinco automoveis conduzem os noivos e os convidados ao Pevidem, onde, em casa dos pais da noiva os esperava um delicado e finissimo copo de agua. Servido este os convivas retiraram-se para as suas residencias, eram 23 horas.

Os noivos foram residir e passar a lua de mel para S. Cristovão de Selho, reencionando em breve fixar residencia no Pevidem.

Assistiram a esta festa os pais da noiva sr. Manuel José Rodrigues e D. Maria Pinto Rodrigues, o pai do noivo, sr. José Correia Guimarães e os srtes. João Mendes Ribeiro e filhos, José Mendes Ribeiro Guimarães e Porfirio Mendes Ribeiro, capitão José Marcelino Barreira e esposa D. Maria José Barreira, Padre José Gonçalves, a preceptora da noiva, D. Berta e sua irmã D. Beatriz, as irmãs da noiva Esmeraldina e Cecilia; os irmãos do noivo, cunhado, etc.

«A Velha Guarda» deseja mil prosperidades aos noivos e que o futuro lhes seja sorridente.

Na parochial de S. Pedro de Azurem consorciou-se ha dias o nosso amigo sr. Manuel Pereira Mendes, acreditado negociante

da nossa praça, com a ex.^{ma} sr.^a D. Emilia de Souza Oliveira Bastos, filha do saudoso escrivão notario sr. João Joaquim de Oliveira Bastos.

Os noivos que possuem primorosos dotes de caracter e de educação, foram passar a lua de mel para a quinta da familia Oliveira Bastos, em S. Claudio do Barco.

«A Velha Guarda» envia aos noivos, com o desejo de um rissonho futuro, os seus sinceros parabens.

Revista de inspecção

Principiou no dia 3 de Abril e continua em todos os domingos até ao fim de Maio, a revista anual de inspecção ás praças territoriais.

Benemerencia

D. Eduardo Dato

Do nosso amigo sr. dr. Artur da Costa Souza Pinto Basto, recebemos a quantia de 2\$45, para distribuirmos por 12 pobres socorridos pela «Velha Guarda», em suffragio da alma do insigne estadista D. Eduardo Dato, ultimamente assassinado no país vizinho. Os pobres contemplados são os seguintes:

- José Russo, rua da Republica, 220;
- Ana Rosa, rua de Camões, 220;
- Joaquina da Silva, rua da Liberdade, 220;
- Fiorinda Rosa, rua Egas Moniz, 220;
- Josefa Maria Machado, Conceição, 20;
- Rosalina da Silva, rua Egas Moniz, 220;
- Antonio de Carvalho, rua de D. João, 220;
- Margarida Rosa, rua dos Terceiros, 220;
- Laura Felicia, rua de D. João, 220;
- Emilia Maria, Montinho, 220;
- Albertina Rosa, S. Crispim, 220;
- Maria Rosa, rua da Liberdade, 220.

Em nome dos pobresinhos os nossos agradecimentos ao seu bemfeitor.

ANUNCIOS

Tijolo para construções

Telha francesa

Cimento e ardósias

Madeiras de pinho e castanho

VENDEM:

Carvalho, Moreira & C., L.

V. N. DE FAHALICÃO

Casa Penhorista Vimaranense

(FUNDADA EM 1880)

Rua da Republica, 144

GUIMARÃES

LEILÃO DE PENHORES

Em harmonia com o artigo

1.^o do decreto de 1 de Outubro

de 1900, faz-se publico

que no dia 24 do proximo

mês de Abril, se procederá,

na sede desta casa, á arremata-

ção em hasta publica de todos

os objectos que se consideram

abandonados por falta

de pagamento de juros.

Guimarães, 20 de Março

de 1921.

Os Proprietarios,

Paulo de Rocha